



CMG (RM1-FN) Maurilo de Souza Vilas Boas
maurilov@yahoo.com.br

As Interações Estratégicas Russa-Ucraniana e o Conceito Operacional da Resistência



CMG (RM1-FN) **Vilas Boas** passou para a Reserva da Marinha recentemente. Servia no Comando do Desenvolvimento Doutrinário do CFN quando produziu este artigo. É oriundo da Escola Naval, realizou todos os cursos de carreira, sendo digno de destaque, o Curso de Comandos Anfíbios, em 2001 e o Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS) da EGN, em 2015. Serviu no 2ºBtlInFuzNav – Batalhão Humaitá – como Comandante de Pelotão de Infantaria, no BtlOpEspFuzNav – Batalhão Tonelero – como Comandante de Pelotão de Reconhecimento Anfíbio e da Companhia de Ação de Comandos e integrou o Grupo Especial de Retomada e Resgate. Foi Oficial de Relações Internacionais do Gabinete do Comandante da Marinha e Oficial de Ligação junto ao *Marine Corps Combat Development Command* (MCCDC). Comandou a Companhia de Polícia do Batalhão Naval.

1. Introdução

Antes da invasão russa sobre a Ucrânia, em fevereiro de 2022, praticamente todos os especialistas militares previam uma espécie de *Blitzkrieg*, mesmo que repaginada, frente à iminência do ataque.

Os analistas conjecturavam que os militares russos tinham todas as vantagens a seu favor: quantidades, tecnologia, poder, domínio da informação, táticas e histórico militar. Além disso, os militares russos haviam saído de mais uma década de intensa modernização e ganharam experiência real em várias operações conduzidas na Crimeia, Donbas e Síria.

Figura 1: Resumo da comparação dos poderes combatentes entre os dois atores no início de 2022



Fonte: Global Firepower.

Remetendo-nos à campanha russa em 2014 na Crimeia e no leste da Ucrânia, vamos nos recordar que as ações táticas foram consolidadas em questão de dias. Aquelas operações russas foram o impulso para que muitos especialistas em Defesa começassem a

imaginar que um confronto futuro entre a Rússia e o Ocidente seria pautado na chamada Guerra Híbrida, até então, um termo ainda novo nos meios militares ocidentais.

Tendo como pano de fundo o atual conflito envolvendo como atores principais a Rússia e a Ucrânia, abordaremos alguns aspectos que evidenciam as abordagens estratégicas da Rússia, tanto na Crimeia em 2014, quanto no atual conflito com a Ucrânia. Assim, buscaremos extrair, mesmo que de forma preliminar e superficial, alguns ensinamentos que sejam úteis para aplicação do Poder Naval brasileiro, sem, contudo, ensejar novas formas de emprego e tão somente trazer algumas percepções que possuam alguma validade para a nossa realidade.

Vale ainda destacar que as informações provenientes da Guerra Russo-Ucraniana são insuficientes, muitas vezes incompletas e normalmente carregadas de vieses. A tentativa de se debruçar sobre um conflito em andamento, por si só, já se mostra um desafio. Dessa forma, o extrato de análise aqui exposto é decorrente dos dados que conseguimos acessar em fontes abertas, podendo se mostrar inconsistentes e desatualizados, à medida que novas evidências surjam, no transcorrer da história ora sendo escrita.

2. O Modelo Teórico das Interações Estratégicas

A sabedoria convencional relativa ao resultado dos conflitos é geralmente derivada das comparações que tratam das forças armadas disponíveis para emprego, capacidade econômica, população mobilizável, entre outros recursos. Em geral, é esperado que o ator com a maior quantidade desses recursos triunfe na contenda e que a vitória na mesma proporção da sua vantagem de poder.

O modelo teórico das interações estratégicas evidencia que os resultados destes conflitos nem sempre correspondem à previsibilidade

de vitória dos atores fortes na mesma proporção da sua vantagem de poder. Nele constatamos que, em adição à disponibilidade de recursos de cada ator, a probabilidade de sucesso em um conflito depende da interação entre as *estratégias*¹ adotadas pelos contendores.

Assim, a essência da tese da *interação estratégica*, defendida por Ivan Arreguin-Toft (2005), é que existem, basicamente, dois padrões de *interação estratégica*: a abordagem direta e a abordagem indireta. O resultado do conflito irregular dependerá de qual dos dois tipos ideais de interação padrão serão confrontados. Se o ator forte e o fraco utilizarem as estratégias de mesma abordagem (direta contra direta ou indireta contra indireta), o ator mais forte deve vencer de acordo com o que prevê a sabedoria convencional. Se, no entanto, o ator forte e o fraco empregarem estratégias de abordagem oposta (direta contra indireta ou indireta contra direta), o ator mais fraco possui uma maior probabilidade de vencer o ator forte, indo assim de encontro à convenção.

Figura 2: Resultados esperados da interação estratégica nos resultados dos conflitos

		ABORDAGEM ESTRATÉGICA DO MAIS FRACO	
		Abordagem direta	Abordagem indireta
Abordagem estratégica do mais forte	Abordagem direta	Ator forte tende a vencer	Ator fraco tende a vencer
	Abordagem indireta	Ator fraco tende a vencer	Ator forte tende a vencer

Fonte: O autor.

Como parte da abordagem irregular defensiva, a Guerra de Resistência (GR) ou também chamada Guerra de Guerrilha, é a organização de uma porção da sociedade civil com o propósito de impor custos a um adversário que utiliza forças convencionais treinadas, normalmente buscando evitar confrontações diretas. Esses custos se materializam no ataque às forças combatentes, suprimentos, infraestrutura e o fator mais importante, o tempo². Embora a GR, primariamente, ataque as forças inimigas e seus recursos, o objetivo principal não é destruir a sua capacidade, mas sim a vontade de lutar do atacante.

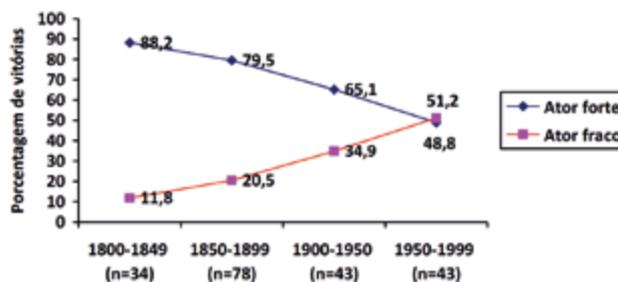
Quando a estratégia adotada pelos contendores causa um atraso não esperado na conquista dos objetivos militares e políticos, os atores fortes tendem a perder os conflitos irregulares porque, embora todos possuam expectativas inflamadas sobre a vitória, os mais fortes são particularmente mais suscetíveis aos efeitos da variável tempo. Se poder implica em vitória, então um poder esmagadoramente superior implicaria em uma vitória consideravelmente rápida. Como o conflito contra o oponente fraco se arrasta, as estimativas de sucesso forçam os políticos e os militares a escalarem o uso da força a fim de alcançarem seus propósitos, a mentirem ou a serem julgados cada vez mais como incompetentes ou incapazes. Dessa maneira, a pressão doméstica forçando o fim do conflito tende a crescer. Quanto mais o conflito se prolonga, maiores são as chances do ator mais forte simplesmente abandonar o conflito, independente da situação militar no campo de batalha e dos ganhos auferidos.

¹Tradução direta dos termos ingleses empregados pelo autor da teoria: *strategy, strategic interaction, strategic approach, direct approach strategy* e *opposite approach strategy*. Esses termos, em português, estão grafados em itálico para não haver conflitos de interpretação com as definições clássicas de estratégia.

²"Vocês têm o relógio, mas nós temos o tempo" (Autor desconhecido). Mensagem anunciada nas campanhas de propaganda talibã contra a ocupação norte-americana no Afeganistão que nos traz um pouco a percepção da dimensão do fator tempo em uma Guerra Irregular.

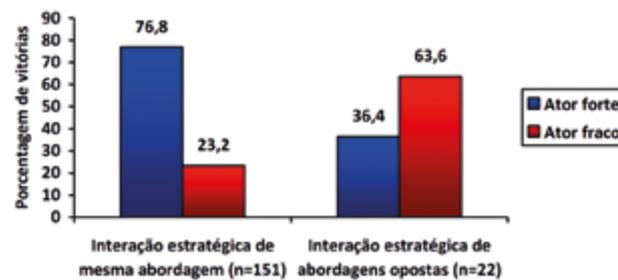
³Nesse sentido o termo significa o uso da lei como arma de guerra. Denota o uso ou mau uso do sistema legal com vistas a levantar o clamor público contra o inimigo.

Figura 3: Interações estratégicas e os resultados dos conflitos irregulares no período de 1800 a 2003



Fonte: Arreguin-Toft (2005).

Figura 4: Percentual de vitória nos conflitos irregulares desde o ano de 1800



Fonte: Arreguin-Toft (2005).

3. A Invasão da Crimeia em 2014, a Doutrina Gerasimov e a *Gibridnaya Voyna*

O conceito russo de “Guerra de Nova Geração” foi apresentado pela primeira vez ao público, em fevereiro de 2013, em um artigo publicado pelo General Valery Gerasimov, Chefe do Estado-Maior da Rússia. Nele, Gerasimov (2013) expôs uma série de princípios fundamentais por trás do pensamento da Rússia sobre a guerra moderna. O núcleo do princípio revelado foi a ideia de que o mundo se encontra em um estado contínuo de conflito, uma vez que no século XXI temos visto uma tendência em se turvarem os limites entre os estados de guerra e paz.

A Doutrina criada pelo General russo, conhecida como Doutrina Gerasimov, envolve o emprego de uma variedade de meios não tradicionais, como Operações de Informação, Ataques Cibernéticos, *Lawfare*³ e subversão econômica, juntamente com o uso preciso de Forças de Operações Especiais (FOpEsp) para alcançar objetivos estratégicos evitando-se, dessa forma, o confronto direto com os adversários ocidentais. Os russos consideram que tais métodos, quando empregados e sincronizados adequadamente podem, por um curto período, lançar um Estado estável numa rede de caos, levante popular e mesmo Guerra Civil, tornando-o mais suscetível a uma intervenção estrangeira (PENHA, 2019).

Embora Gerasimov (2013) reconheça que tais eventos não sejam, tradicionalmente, parte do que seriam consideradas atividades bélicas, ele acredita que se tornarão típicos nos conflitos do século atual. Com base nesses conceitos foi criada a estratégia de Guerra Híbrida Russa, conhecida como *Gibridnaya Voyna*, que busca, como características principais: a redução do uso da força e foco no controle da população.

De fato, os ataques russos na Crimeia e no leste da Ucrânia em 2014 neutralizaram diversas infraestruturas críticas de interesse do Poder Militar em questões de dias. Prédios governamentais foram paralisados por ciberataques, enquanto eram rapidamente ocupados por uma força difusa composta por movimentos locais cooptados, Unidades Aeroterrestres e FOpEsp, sem que os ucranianos conseguissem compreender a amplitude dos ataques que aconteciam diante de seus olhos.

Tais fatos nos fazem concluir que nesse conflito específico os russos optaram pelo emprego da abordagem indireta.

4. A Guerra de Atrito Russa na Ucrânia em 2022

Durante o segundo semestre de 2021, forças russas conduziram uma sequência de exercícios militares de larga escala próximo da fronteira ucraniana. Mas, após a conclusão desses exercícios, diversas unidades participantes permaneceram estacionadas a cerca de 260 milhas da fronteira com a Ucrânia.

Ainda no final de novembro de 2021 autoridades ucranianas alertavam que mais de 114.000 soldados russos já estavam na fronteira e nos territórios ocupados de Donetsk, Luhansk e Crimeia. Fontes do Serviço de Inteligência Ucraniano relatavam que 36 Grupos

Táticos de Batalhões⁴ estavam em constante prontidão na região. Além disso, pregavam também que Moscou já havia transformado a Bielorrússia em um enclave militar russo.

Já em abril de 2022, após seis semanas de intensos engajamentos, a dinâmica do que pôde ser observado nos fazia concluir que o novo foco militar russo se movia para a região de Donbas e a retirada de Kiev preparava o terreno para uma prolongada Guerra de Atrito, uma vez que a inesperada eficácia da resistência ucraniana apontava para uma decisão do Kremlin nesse sentido.

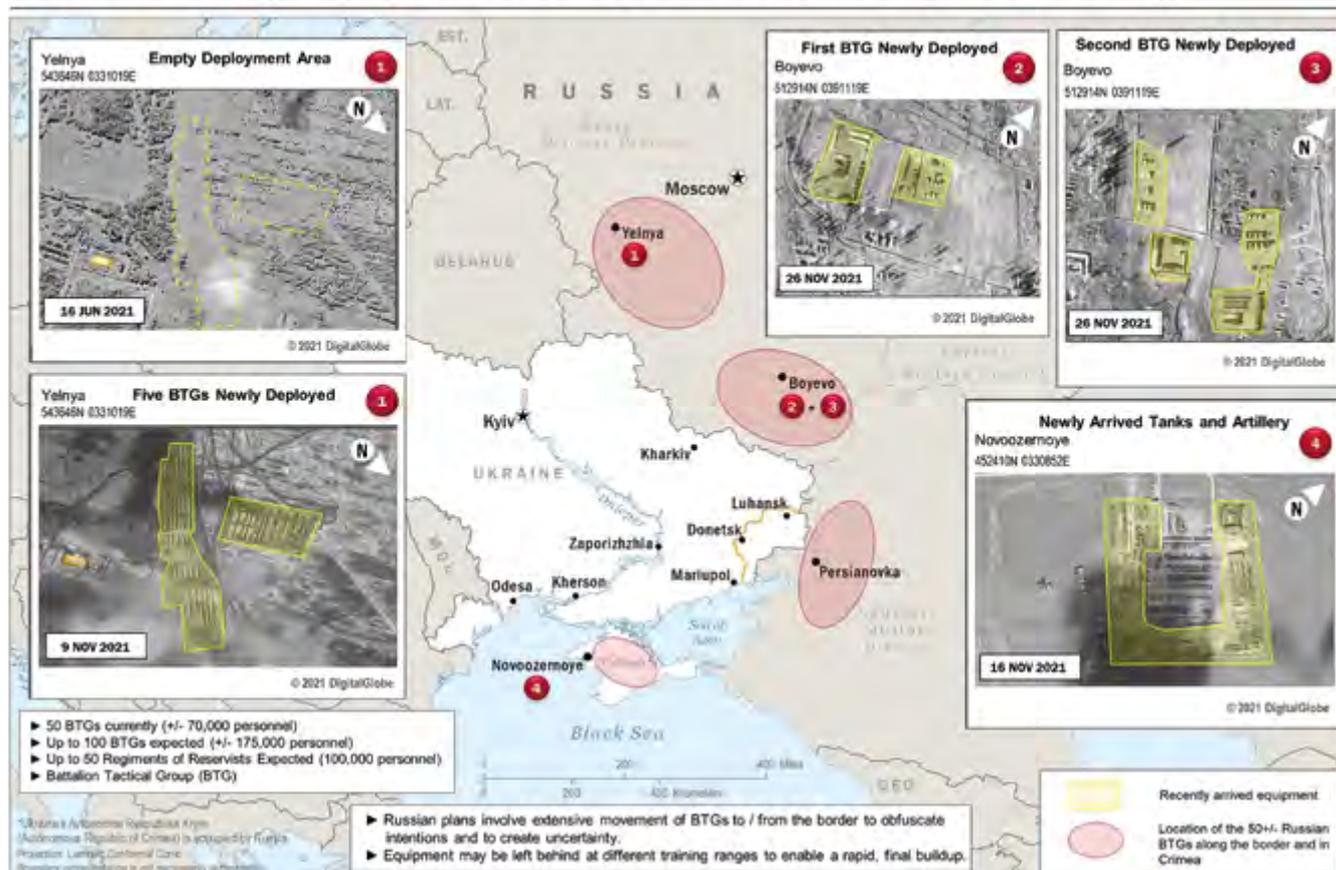
Pode-se constatar que em uma Guerra de Atrito os custos são altos para ambas as partes. Fontes ocidentais estimam que até o início de abril de 2022 cerca de 15.000 soldados russos e 190.000 ucranianos foram mortos, com dezenas de milhares de outros feridos ou feitos prisioneiros. As perdas russas em termos materiais foram estimadas, somente no primeiro mês de combate, em mais de 500 carros de combate, 1500 veículos blindados de transporte de pessoal, 124 helicópteros, 101 aviões, 300 sistemas variados de artilharia, entre outros.

Esses fatos trazem indícios que a Rússia está se preparando para um combate de atrito de média a longa duração em que a abordagem direta parece dirigir o esforço principal da sua estratégia, pelo menos nessa fase em que o foco militar parece se concentrar no leste ucraniano.

Figura 5: Concentração estratégica de tropas russas, em 03 de dezembro de 2021

Potential for 175,000 Russian Forces Near Ukraine: Evidence of Recent Artillery, Equipment, Personnel Movements and Planning

03 December 2021



Fonte: <https://www.seattletimes.com/nation-world/russia-is-said-to-be-planning-a-massive-military-offensive-against-ukraine-involving-175000-troops-u-s-intelligence-warns/>. Acesso em: 4 out. 2022.

⁴Organização por tarefas na qual os Batalhões de Infantaria Mecanizados russos se organizam (*Battalion Tactical Groups* ou BTG). Tipicamente são compostos por duas a quatro Companhias de Infantaria sendo reforçadas por sistemas de Defesa Antiaérea, Artilharia, Engenharia e Apoio de Serviço ao Combate.

5. As Forças de Operações Especiais, a Guerra Irregular e a Resistência Ucrâniana

Quando Bill Clinton nomeou Leslie Aspin como secretário de Defesa em 1993, ao novo secretário foi dada a missão de definir a estratégia militar norte-americana para o contexto da era pós Guerra Fria. Na nova concepção as FOpEsp viam a sua nova missão da seguinte maneira: deveriam levar o recurso da letalidade o mais rápido possível a qualquer lugar do globo. Dessa forma, elas propuseram duas maneiras de fazê-lo. Primeiro, as suas próprias forças poderiam entrar rapidamente em um país hostil e executar operações cobertas⁵ de forma precisa. Segundo as Forças Especiais⁶ do Exército, penetrar as fronteiras de determinado país, juntar-se às forças locais que eventualmente compartilhassem dos interesses dos Estados Unidos e guiá-las nas suas próprias batalhas é uma forma de agir. Essa modalidade de ação indireta é conhecida como Combate não Convencional (*Unconventional Warfare*)⁷.

As Forças Especiais norte-americanas foram levadas ao centro da estratégia emergente, já que era seu trabalho fazerem com que uma força local do país hospedeiro lutasse de acordo com os interesses dos norte-americanos. Tal conceito, hoje bem mais difundido, é conhecido como Guerra por Procuração (do inglês *Proxy Warfare*). Do ponto de vista de Aspin, elas eram a solução para o problema estratégico dos Estados Unidos, principalmente no cenário das guerras irregulares que descortinavam os futuros conflitos em que os EUA estariam envolvidos, principalmente por reduzirem a presença ostensiva do poder militar em território estrangeiro e suas desvantajosas consequências.

Figura 6: Uma delegação de Oficiais militares ucranianos observa uma unidade do Exército dos EUA adestrando no Centro de Treinamento de Combate em Hohenfels, Alemanha, em 9 de maio de 2017



Fonte: <https://www.defensenews.com/global/europe/2020/06/17/ukraine-receives-60m-worth-of-military-equipment-from-us/>. Acesso em: 4 out. 2022.

Na Ucrânia pode-se observar que, desde 2018, autoridades dos EUA e da Europa ajudaram discretamente na implementação de partes importantes do chamado “Conceito Operacional da Resistência” (ROC, sigla oriunda da língua inglesa). Para isso empregaram maciçamente suas Forças de Operações Especiais⁸ para prepararem as forças nativas na aplicação do conceito defensivo da resistência.

O ROC, entre outros aspectos, encoraja a desobediência civil e a resistência, violenta ou não, em face da ocupação inimiga. As nações apoiadas pelo ROC são orientadas a desenvolverem uma estrutura legal e organizacional para o movimento de resistência civil e trazê-la para o controle operacional de suas Forças Armadas. Isso torna mais fácil para as forças de resistência receberem treinamento externo, financiamento e armas.

Figura 7: População civil ucraniana recebendo treinamento militar nas proximidades da capital Kiev



Fonte: <https://www.defensenews.com/global/europe/2020/06/17/ukraine-receives-60m-worth-of-military-equipment-from-us/>. Acesso em: 4 out. 2022.

Tal conceito também colocou as FOpEsp da Ucrânia - que treinaram extensivamente com as tropas especiais dos EUA, Canadá e Europa desde 2014 – como encarregadas de coordenar as Forças Insurgentes em uma típica atividade conhecida como Ações Indiretas⁹, que constitui um dos pilares da Guerra Irregular¹⁰, por meio da organização, expansão e emprego em combate de forças irregulares nativas.

Diariamente, diversos sinais de resistência foram aparecendo, à medida que as nações ocidentais inundaram o país com diversos equipamentos portáteis, armas antitanque e antiaéreas. Diversos vídeos mostraram ataques realizados com coquetel molotov contra veículos russos, ataques de drones com lançamento de artefatos explosivos improvisados, ataques de mísseis contra blindados e aeronaves; e distúrbios civis diversos, onde a população local bloqueou estradas com veículos, barricadas, tratores e até com seus próprios corpos.

⁵Em uma operação coberta, a identidade do promotor está oculta, enquanto numa operação clandestina a própria operação é ocultada.

⁶Na doutrina brasileira trata-se de uma força especializada na condução de Guerra Irregular que, pela versatilidade que lhe confere a estrutura, o grau de instrução e o grande número de especialistas, pode ser empregada em grande variedade de missões que contribuem para a consecução dos objetivos da força como um todo (BRASIL, 2007). Compõe, juntamente com as tropas de Comandos, Comandos Anfíbios, Mergulhadores de Combate, Resgate Aeroterrestre, entre outras, as FOpEsp brasileiras.

⁷O Combate não Convencional tem o seu entendimento distorcido, por ser visto, de uma maneira geral, como a negação do combate regular, o que configura um equívoco grave. Trata-se de operações destinadas a serem conduzidas por forças irregulares nativas aliadas visando a desestabilizar governos hostis ou ilegítimos. O requisito fundamental do *Unconventional Warfare* (UW) é o estímulo e o apoio à comunidade nativa que não possui capacidade para desafiar o governo hostil por si mesmo (PINHEIRO, 2010).

⁸O Comando de Operações Especiais da Ucrânia foi estabelecido em dezembro de 2015 e se expandiu para quatro Regimentos de Operações Especiais do Exército; três Regimentos de Operações Especiais da Marinha; e dois Centros de Treinamento. Sua força é de aproximadamente 2.000 membros, embora o objetivo seja expandir para 4.000 militares. Desde a sua criação, o Comando colocou ênfase no desenvolvimento de uma força moderna com equipamentos e práticas alinhadas com os elementos OpEsp da OTAN.

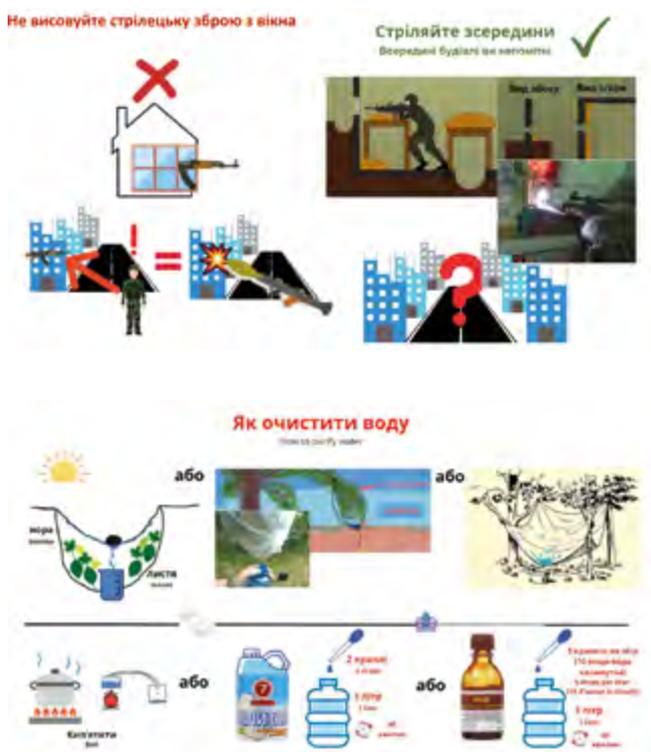
⁹As Ações Indiretas visam a incrementar as capacitações das forças integrantes das organizações opositoras por meio de treinamento, equipamento, transferência de tecnologia, e apoio operacional. Inclui os esforços para dissuadir os apoios tácitos e ativos às organizações extremistas nos ambientes em que o governo está incapacitado ou não possui vontade política para neutralizar os santuários dos insurgentes.

¹⁰Conflito armado executado por forças não-regulares ou por forças regulares empregadas fora dos padrões normais da guerra regular, contra um governo estabelecido ou um poder de ocupação, com o emprego de ações típicas da guerra de guerrilhas. Divide-se em guerra insurrecional e revolucionária (BRASIL, 2007).

As diversas ações de sabotagem e inquietação realizadas pelas Forças de Resistência provocaram enormes revezes aos russos mostrando que armamentos de baixo custo, quando corretamente empregados por forças capazes (regulares ou não), dentro dos intrincados complexos urbanos e a curtas distâncias, reduzem a assimetria entre contendores com capacidades tão díspares e fazem com que a balança do poder de combate possa voltar a pender em prol do mais fraco.

O movimento de resistência chega a tal ponto de organização que um site oficial – o “Centro Nacional de Resistência” – administrado pelas Forças de Operações Especiais da Ucrânia disponibiliza manuais e instrução para insurgentes de todas as matizes. O site disponibiliza guias sobre como reportar movimentos de tropas russas, atendimento pré-hospitalar tático, comunicações seguras, sabotagem etc. Além disso, o movimento de resistência dá indícios de coordenar o recrutamento, seleção e instrução da chamada Legião Estrangeira Ucraniana, unidade militar de voluntários estrangeiros que lutam em prol da Ucrânia. Além disso, a preparação para a GR inclui a preparação de grandes esconderijos de armas em locais estratégicos do país (chamados cachês), a criação de redes de agentes como pontos de contato para ações futuras e a coordenação com nações amigas que funcionam como santuários¹¹.

Figura 8: Ilustrações da cartilha distribuída para população ucraniana ensinando técnicas de combate e sobrevivência



Fonte: https://www.mil.gov.ua/content/pdf/Mini_Manual_Ukrainian.pdf. Acesso em: 4 out. 2022.

¹¹Regiões de fronteira fracamente vigiadas ou controladas por Estados simpatizantes que servem como áreas de apoio, homizio e descanso. Normalmente são terrenos de difícil acesso tais como montanhas, pântanos ou florestas.

A adoção de tal estratégia defensiva, no viés da Guerra de Resistência, não é exclusiva da Ucrânia. Nos últimos anos, outros países da Europa convergiram discretamente seus planos nacionais de defesa para lançar as bases de um movimento de resistência, no caso de uma invasão russa. Os países na vanguarda do planejamento da resistência incluem a Polônia, Estônia, Letônia e Lituânia; e os países escandinavos da Finlândia, Noruega e Suécia.

6. Conclusão

Os ucranianos passaram os últimos oito anos planejando, adestrando e se equipando para resistir a uma previsível ocupação russa. Eles possivelmente perceberam que nenhuma força dos EUA ou da OTAN viria em seu socorro (operando diretamente no campo de batalha) em uma guerra contra seus vizinhos a leste.

Muito do que conseguimos observar até o momento nos mostra que a adoção da abordagem indireta, por meio da Guerra de Resistência, assumiu um papel muito importante desde os primeiros engajamentos e tem potencial para continuar na dominância da estratégia ucraniana por um longo tempo, mesmo com a vitória da Rússia. Sua estratégia de longo prazo parece não tentar reverter uma invasão russa, mas sim de desgastar Moscou a tal ponto que o custo da ocupação se torne insustentável.

Conforme podemos constatar do que foi acima apresentado as diferenças em termos de estratégia russa em 2014 e no atual conflito evidenciam uma mudança de postura que pendulou da abordagem indireta no primeiro conflito para a abordagem direta no segundo. Se a teoria de Arreguin-Toft (2005) estiver correta, a adoção de uma estratégia de interação apropriada torna-se um dos principais fatores a serem observados para minimizar as assimetrias de recursos entre os contendores. Assim, uma alteração no curso previsível do resultado esperado pode tornar-se tangível revelando que a opção estratégica mais vantajosa para Ucrânia, perante um inimigo mais forte e adotando a abordagem direta, seja a busca pela abordagem estratégica oposta, nesse caso a Guerra de Resistência.

Nesse escopo, o artigo busca também trazer um pouco de luz para a importância do emprego das FOpEsp na Guerra Irregular. Nesse aspecto, atualmente o Poder Naval não possui capacidade para conduzir ações indiretas, uma vez que suas FOpEsp não são organizadas, adestradas e equipadas para a *Unconventional Warfare*, capacitação essa que, atualmente, somente as Forças Especiais do Exército Brasileiro possuem.

Com relação ao Conceito Operacional da Resistência, caso esse venha a se materializar como uma abordagem indireta defensiva de longo prazo, eficaz contra um adversário muito mais forte, esse oferecerá uma visão estratégica muito importante para países que buscam soluções político-militares para defender-se em um conflito nesses termos.



Referências

ARREGUÍN-TOFT, Ivan. **How the weak win wars**: a theory of asymmetric conflict. New York: Cambridge University Press, 2005. (Cambridge Studies in International Relations, 99).

BRASIL. Ministério da Defesa. **MD35-G-01**: glossário das Forças Armadas. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2007.

GERASIMOV, Valery. The value of science is in the foresight. **Military Industrial Courier**, [s. l.], n. 8, p. 1, 27 Feb. 2013. Disponível em: <https://on-demand.east-view.com/browse/doc/28712409>. Acesso em: 24 mar. 2022.

PENHA, Igor. **A guerra sem baixas**: o papel das Operações Psicológicas no moderno conceito de Guerras Híbridas: estudo de caso da Anexação da Crimeia em 2014. 2019. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores) – Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2019.

PINHEIRO, Álvaro de Souza Filho. **Crises e conflitos no [século] XXI**: a evolução das Forças de Operações Especiais. Rio de Janeiro, 2010. 34 p. Não publicado.

VILAS BOAS, Maurilo. **A guerra do Afeganistão**: o estudo da campanha centrada em Forças de Operações Especiais do ponto de vista da Teoria das Interações Estratégicas. 2015. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores) – Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2015.

Grupo Mapma, há mais de 20 anos protegendo a Família Naval!



PLANO DE SAÚDE



SEGURO DE VIDA



EMERGÊNCIAS MÉDICAS



SEGURO RESIDENCIAL



SEGURO AUTO



PLANO ODONTOLÓGICO



ASSISTÊNCIA PÓSTUMA



ACIDENTES PESSOAIS

A gente cuida de tudo que tem valor pra você

(21) 2102-1312 | 0800 025 1312 | WhatsApp (21) 2216-4800

faleconosco@mapma.com.br

mapma.com.br

GRUPO
mapma
SEGUROS BENEFÍCIOS